

D. JOÃO DA CÂMARA

TEATRO COMPLETO

IV



MMVII

IMPrensa NACIONAL-CASA DA MOEDA



POR BEM!

Lenda cantada por Madame Theodorini na
farça **ZE PALONSO**, de Gervasio Lobato,
D. João da Camara e Henrique Lopes de
Mendonça, musica do maestro Mancinelli.



POR BEM!



I

Na resplendente
D'um alcaçar real,
Com dama esbelta falla
Um rei de Portugal.
E uma ardilosa pèga,
Pousada no alizar,
Os olhos não desprega
Do regio conversar.

El-rei meigo adjura:
•Um beijo, que tem? .
E a pega murmura
Baixinho: •Que tem? .

II

Primaveral e doce,
Lá fóra, o ceu reluz;
Subtil, a brisa trouxe
Tèpido aroma a flux.
E el-rei, mansinho, à sounsa,
Já trémulo de amôr,
Acérca a barba intonsa
Do rosto encantador.

E a dama segreda:
•Não veja ninguém! .
E a pèga, mui queda,
Repete: •Ninguem! .

III

Mas quando o labio pousa
N'uns labios de romã,
Assoma á porta a esposa
Do regio D. Juan.
O austero olhar atterra
Os conturbados reus;
A dona para a terra
Abaixa os olhos seus.

E el-rei, com voz branda,
Murmura: •Por bem! .
E a pèga desanda
Aos berros: •Por bem! .

Nota: Da farsa *Zé Palonso* apenas temos conhecimento deste documento, localizado na Biblioteca Nacional. O texto integral não foi encontrado.

Representada, pela primeira vez, no Teatro da Rua dos Condes, em 1891.

D. JOÃO DA CÂMARA • GERVÁSIO LOBATO

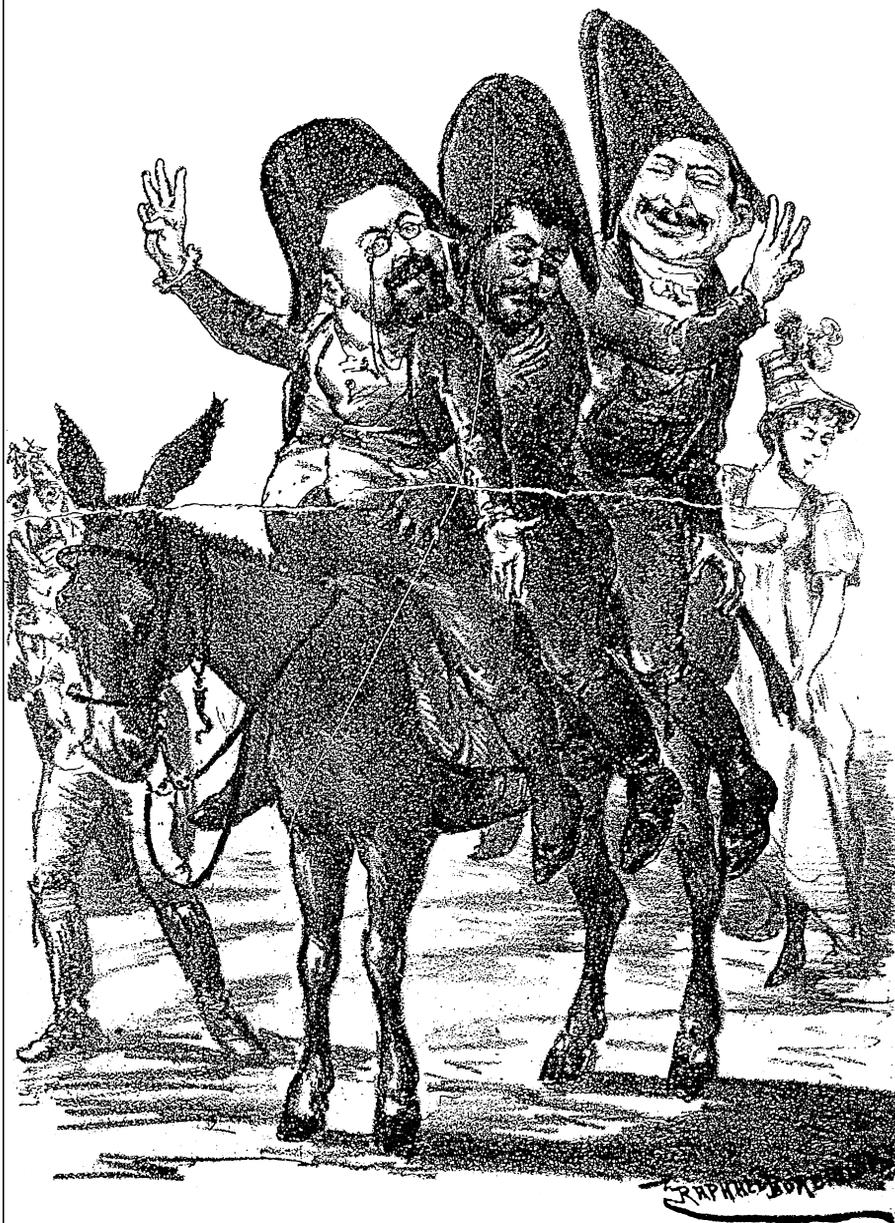
O BURRO DO SR. ALCAIDE

Opereta em 3 actos

Nota: De *O Burro do Sr. Alcaide* existem dois dactiloscritos que contêm coplas e diálogos (Arquivo do Teatro Nacional de D. Maria II e Biblioteca Nacional), um manuscrito que só contém os diálogos (Biblioteca Nacional, copiado por Ernesto Bruno do Carmo) e uma brochura (*Colecção de Coplas...*, Lisboa, Francisco Franco), variadas vezes editada, que publica apenas as coplas. Optámos por transcrever o dactiloscrito do Arquivo do Teatro Nacional de D. Maria II (sem data), eliminando as repetições. Registamos em nota as diferenças nos diálogos em relação ao manuscrito existente na Biblioteca Nacional (BN) e nas coplas em relação à edição impressa na *Colecção de Coplas* (CC).

Representada, pela primeira vez, no Teatro da Avenida, em 14 de Agosto de 1891. Principais actores: Subtil Maduro — *Vale*; Alcaide — *Joaquim Costa*; Meirinho — *Seta da Silva*; André — *Cinira Polónio*.

THEATRO DA AVENIDA



A'manhã, sabbado, temos recita do *Burro do sr. Alcaide*, em honra dos auctores. São trez... trez sebastianistas a cavallo no mesmo burro, e a quem o publico não deve regatear applausos, porque foram elles os primeiros que escreveram uma operetta verdadeiramente portugueza.

O BURRO DO SR. ALCAIDE

PERSONAGENS

SUBTIL MADURO, boticário

O SR. ALCAIDE

ANDRÉ

FAÍSCA, meirinho

ZACARIAS, mestre de latim

FIDELINO, seu discípulo

D. PACÓMIO, chefe dos Sebastianistas

BRAGUINHA, oficial da botica

1.º DOENTE

2.º DOENTE

CADEIRINHA

GOLFINHO, meirinho

GINA, sobrinha de Maduro

D. MANSA, irmã de Maduro

AFONSA, criada

ANICA, criada da estalagem

Uma FESTEIRA

Boticários, doentes, pescadores de ambos os sexos, aguazis, lavadeiras, etc.



Belém, princípio do século.

ACTO I

Botica do princípio do século. Ao fundo, porta para a rua. À esquerda, duas portas para o interior. À direita, duas portas, uma para o laboratório e outra para o pátio. Balcão grande, à esquerda, em frente das duas portas. Prateleiras com frascos de remédios, com livros, etc.

CENA I

**Boticários, pisando drogas, depois doentes de ambos os sexos,
depois AFONSA, com um cesto de compras, e BRAGUINHA**

MÚSICA N.º 1

SOPRANOS ¹

É pisar quanto existe
E no mundo encontrais,
Se um ratão lhe resiste
Saúde tem de mais.

A droga manda a ciência
Que se tome em jejum;
Se mal não faz, paciência,
Que bem não faz nenhum.

*(Entram os doentes.)*²

TENORES

Um doente que vem à consulta

BAIXOS

Sem receio da droga mortal

TENORES

Dentro d'alma coragem s'oculta ³
Ah! Ah! ⁴

BAIXOS

Mais que todos no mundo em geral.

¹ Na CC os «Sopranos» designam-se «Boticários» e os «Baixos» e «Tenores», «Doentes».

² Rubrica recuperada da CC.

³ CC: «Dentro d'alma a coragem oculta».

⁴ CC: as interjeições não aparecem.

TENORES

Por vaidade há quem vá temerário
Arrostar co'o mar vasto em furor,
Mas co'as drogas dum mau boticário
Arrostamos heróis por amor.

BAIXOS

Arrostamos heróis por amor.⁵

SOPRANOS

É pisar quanto existe
E no mundo encontrais,
Se um ratão lhe resiste
Saúde tem de mais.

TENORES e BAIXOS

Um doente que vem à consulta
Dentro d'alma coragem s'oculta
Mais que todos no mundo em geral
Por vaidade há quem vá arrostar
Co'o mar vasto
Mas co'as drogas dum mau boticário
Arrostamos heróis por amor.⁶

*(Entra Afonsa.)*⁷

BAIXOS

Eis Afonsa!⁸

SOPRANOS, TENORES e BAIXOS

Eis Afonsa jovial
O remédio ao nosso mal.

AFONSA

Sou criada da botica,
Um mercúrio sou de saias,
Todos fazem mil zumbaias
Ao talento que provei.

⁵ Repetição que se mantém de forma a não cortar a sequência de vozes.

⁶ CC: copla inexistente.

⁷ CC: rubrica recuperada de CC.

⁸ CC: exclamação inexistente.

Pra tratar qualquer doente
Tenho certa a medicina,
Levo a carta da menina
Ao doente que tratei.

Sou Afonsa na botica
O remédio ao vosso mal.
Quem me vê me glorifica,
Como a droga sem igual.

CORO

Eis Afonsa na botica
O remédio ao nosso mal.
Quem te vê te glorifica,
Como a droga sem igual.⁹

AFONSA

Vivo assim, todos me querem,
Digo a quem amor magoa:
Se isso é cá pela pessoa¹⁰,
Se estás triste aqui me tens,
A todos aceito a paga,
Contadinha sem gracejos,
Se são novos é dois beijos,
Se velhos¹¹ dois vinténs!

Sou Afonsa na botica,
O remédio ao vosso mal.
Quem me vê me glorifica,
Como a droga sem igual.

1.º DOENTE — Vamos lá a saber, Afonsa, que notícias nos dás do teu patrão?

2.º DOENTE — E da patroa... O que é feito deles?

⁹ CC: a copla não aparece.

¹⁰ CC: «patroa».

¹¹ CC: «velhotes».

AFONSA — Eu sei lá o que é feito da patroa e do patrão! Ela foi para a missa com a menina... ele ficou ali fechado com os seus dois íntimos, com o mestre de Latim e o pequeno, quando eu fui para as compras.

1.º DOENTE — Ah, o patrão está em casa?

BRAGUINHA — Está mas é o mesmo que se não estivesse, não fala a ninguém.

1.º DOENTE — Não fala? Isso é que há-de falar...

DOENTES — Há-de falar, há-de falar!

BRAGUINHA — Chiu! Pouca bulha que aí vem o patrão.

CENA II

Os mesmos, MADURO, ZACARIAS e FIDELINO

MADURO (*entra com um papel, da direita, com Zacarias e Fidelino que o seguram*) — Irra, que são teimosos! Eu já lhes tiro as teimas... «Jantar» é com G...

ZACARIAS — E a dar-lhe!... Apre, que é bronco!

FIDELINO — Forte embirração... não se fiar no Sr. Zacarias...

MADURO — Eu não me fio em ninguém, senão na gramática.

DOENTES (*bradando em chamar*) — Sr. Maduro! Sr. Subtil! Sr. Boticário!

MADURO — Mau! Mau! Agora não posso atendê-los, agora não sou boticário, sou linguístico!... Já vai! Já vai! ¹² (*A Afonsa, que quer falar.*) E tu esperas também um bocadinho... deixa-me abrir aqui os olhos a estes cegos da inteligência.

(*Saem Afonsa e alguns doentes.*)

ZACARIAS — Até chega a ser ridículo, eu prestar-me a estas contendas... Eu, que sou professor de Latim... *magister!*

¹² BN: «sou linguísta. Já vou, já vou!»

FIDELINO — É verdade, o senhor que é *magister!*

MADURO — Pois sim, é *magister* mas não sabe como se escreve «jantar».

ZACARIAS — Sei tal, é com CH...

MADURO — Com CH é *chantar*, não é português, é galego.

ZACARIAS — E o que tem que seja galego... galego é nosso irmão.

(*Saem os boticários.*)

MADURO — Seu será... meu é que não é... Não tenho irmãos galegos, graças a Deus.

ZACARIAS — Coitado! Não percebe... Eu falo lingualmente... isto é: sob o ponto de vista da língua... O latim é a mãe...

MADURO — Não pode ser! O latim nunca pode ser mãe!

ZACARIAS — Ah, não é? O Sr. Subtil Maduro, boticário do Altinho, não dá licença? Tem graça...

FIDELINO — Tem muita graça! Ah! Ah! Ah!

MADURO — Ah! Ah! Eu já esperava essa risadinha alvar. Em ele dizendo «mata», o senhor diz logo «esfolo»... Ele é um grande sacerdote da asneira... o senhor é o seu sacristão permanente!

FIDELINO — Sacristão, Sr. Maduro?

ZACARIAS — Deixe-o falar! Quando uma boca de bípede falante tem a audácia de dizer que o latim não é a mãe do português.

MADURO — Ó homem! Você será latinista, mas eu sou homem de ciência, sou anatómico, e é como anatómico que contesto a sua asserção. O latim é macho, lá está a dizer o O, e um macho nunca pode ser mãe.

ZACARIAS — Pode tal. Olhe os peixes: o linguado, o pargo, o cachucho, o carapau, são machos, tem o O, não têm fêmeas porque o senhor nunca viu a cachucha, creio eu...